



# O Campo

Edição 5 • outubro • 2014

 Coopermota



## NUTRIÇÃO ANIMAL

▲ Planejamento  
de Safra Verão  
2014|2015

▲ Clones de cana-de-açúcar  
com características  
regionais

# NUTRIÇÃO

de QUALIDADE

para o seu

# ANIMAL

**EQUINO**



**PEIXE**



**BOVINO**



**OVINO**



**PET**

- EM BREVE -



**SUINO**



# BEM NUTRIDOS E PRODUTIVOS

A expressão do animal estampada na capa desta edição faz alusão a um dos momentos mais importantes para a obtenção de uma boa produção e reprodução animal: a alimentação. Em três reportagens envolvendo as áreas de bovinos e peixes, a revista enfatiza a importância deste que é um dos pilares de sustentação de uma boa atividade agrícola ligada a este setor. A ração balanceada e voltada diretamente às necessidades de cada fase do animal contribui para que se consigam bons resultados finais.

Embora tal preocupação se aplique também para o gado de corte, esta edição dá um enfoque especial ao plantel leiteiro, destacando experiências que demonstram formas de adequação dos pecuaristas a diferentes realidades, porém com a mesma atenção no que se refere à nutrição dos animais. Seja no modelo de comercialização da ração a granel ou na forma de sacarias, os pecuaristas contam um pouco da rotina leiteira, seus benefícios e dificuldades, em propriedades situadas em Paraguaçu Paulista e em Assis.

Já no que se refere aos peixes, a ração nutricionalmente balanceada busca equilibrar os custos de produção aos lucros obtidos na comercialização de tilápias. A experiência de Mauro Nakata, de Fartura, traz exemplos de boas práticas e resultados para esta cultura. Considera-se que entre as ações que envolvem os diferentes setores da piscicultura, a alimentação ocupa papel de destaque, tendo em vista que somente com uma boa conversão alimentar aparente é que se obtém os melhores resultados no ponto de vista econômico e produtivo, aliado às boas práticas de manejo e a qualidade da água, fatores fundamentais para o bom desempenho da produção.

Além da sequência de reportagens ligadas à nutrição animal, esta edição da revista "O Campo" também traz informações importantes sobre a necessidade de planejamento de safra para o verão que se aproxima, bem como com as tecnologias voltadas à produção de cana no Vale Paranapanema, auxiliadas por pesquisas do Programa Cana IAC existentes na região.

Trazemos também o lançamento de mais uma sessão da revista, intitulada "Parte de nossa história". Iniciamos este trabalho com a abordagem sobre a história do colaborador José Dias, a qual se mistura um pouco com a trajetória da Coopermota. Neste mês (outubro), ele completa 45 anos de trabalho dedicado à cooperativa e por isso dedicamos a ele nossas homenagens.

Para encerrar a organização da revista, trazemos uma sequência de reportagens que aborda ações culturais e sociais presentes em cidades da nossa região. Neste espaço, relatamos a história de pai e filho que se dedicam ao trabalho manual com a madeira, com representações da vida do campo e da cidade que são perfeitamente criadas pelas mãos dos dois artesãos assisenses. Trazemos ainda informações sobre os trabalhos culturais e sociais desenvolvidos pela Coopermota, com apresentações teatrais, jogos cooperativos e contribuições ao meio ambiente. Vale a pena conferir.

Boa leitura!

## ▲ Expediente

Publicação da Cooperativa dos Cafeicultores da Média Sorocabana - Coopermota

EDIÇÃO/ REPORTAGENS E FOTO  
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP

ARTE E DIAGRAMAÇÃO  
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO  
Gráfica Triunfal

TIRAGEM  
2000 exemplares

ANÚNCIOS  
Departamento de Comunicação Coopermota  
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL  
Guerreiro Agromarket - Florianópolis  
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO  
Av. da Saudade, 85  
Cândido Mota - SP

 Coopermota

PRESIDENTE  
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE  
Antônio de Oliveira Rocha

DIRETOR SECRETÁRIO  
Sílvio Ap. Zanon Bellotto

## Vale Parapanema se prepara para safra verão 2014/2015

A safra de milho de inverno da região de abrangência da Coopermota foi concluída no final de setembro com uma boa produtividade na média geral. No entanto, quem produziu milho não conseguiu um resultado mais satisfatório devido aos baixos preços de comercialização do grão, influenciados por diversos fatores nacionais e internacionais. Contudo, já começamos a nos preparar para a safra de verão 2014/2015, que deve ser cultivada em cerca de 140 mil hectares em todo o Vale Parapanema, com uma previsão de aumento na abrangência de cultivo da soja. Em todo o país esta mesma perspectiva de crescimento da área de soja é prevista por institutos e empresas de consultoria agrícola.

Neste período, a organização do agricultor para o planejamento da safra de uma forma geral, prevendo ações de controle de ervas daninhas e pragas, se faz necessário para garantir um bom resultado na colheita. Entre as medidas que o departamento técnico da Coopermota indica está a dessecação antecipada, cerca de 40 dias antes da semeadura, bem como a preparação de todo o desenvolvimento da cultura. Além destas preocupações relacionadas com as práticas e cuidados com o solo mediante a dessecação, é importante também haver a adoção do tratamento de sementes com fungicidas e inseticidas de contato e sistêmicos para garantir um bom stand inicial. O monitoramento e o acompanhamento sistemático das lavouras são algumas das principais medidas a serem adotadas pelos produtores para manter as culturas protegidas das pragas como a *Helicoverpa armigera*, inseto que trouxe grandes preocupações aos agricultores no ano passado.

A busca por uma maior produtividade no campo está diretamente ligada a um sistema integrado de manejo e de planejamento, incluindo o preparo de máquinas, análises de solo e previsões climáticas, entre outras iniciativas.

As agências meteorológicas preveem que este ano deverá ser menos seco em relação ao ano passado, o que nos traz expectativas de um bom ano de produção agrícola.

Boa safra!

**Edson Valmir Fadel**  
Presidente da Coopermota

## ▲ Sumário

05

Nutrição básica, balanceada e lucrativa

08

Ração a granel: Opção para armazenamento e redução dos custos de produção

11

Boas práticas de manejo e ração adequada para um bom desempenho de tilápias

14

Planejamento da safra de soja com antecedência

17

Giro de Notícias

22

Cana-de-açúcar: Desenvolvimento de clones elites

25

Uma trajetória de 45 anos de trabalho que se funde com a história da Coopermota

29

Trabalho manual para transformar a madeira

32

Cooperativismo em forma de teatro aos pequeninos

35

Bosque Coopermota: Projeto implantado em Santa Cruz do Rio Pardo e Maracá

37

Dia C: Atividade de cooperação e divulgação do projeto Cultivando Conhecimento

# Nutrição básica, balanceada e lucrativa

A nutrição animal é um dos três pilares que precisam ser considerados para uma boa produção leiteira, aliada a uma boa genética e sanidade dos animais

**P**rincesa, Flamengo, Brigitte, Luana, Mulata, Bisuca, Ramona, Xalana, Potira e Fatura são alguns dos nomes das produtoras de leite do Sítio São José, situado na divisa entre os municípios de Paraguaçu Paulista, Quatá e Borá. Os nomes estão escritos em uma planilha de controle de produção das vacas leiteiras da raça Girolando, de propriedade do pecuarista Claudinir Miguel Martins, conhecido por todos como Clau. São 35 vacas leiteiras e ele sabe o nome de todas em uma relação próxima à que se destina aos animais de estimação. A forma de trabalho do pecuarista mistura a precisão no manejo com o gado aos cuidados de carinho com os animais, responsáveis pelo seu sustento. Clau faz questão de dizer que se não for para tratar bem dos animais que possui prefere não seguir com o empreendimento rural.

Todas as práticas diárias da atividade pecuária no Sítio São José têm hora para começar e terminar, o que contribui para o bom desempenho do rebanho leiteiro de Clau. A rotina de manejo é seguida à risca e sob às vistas do pecuarista que faz quase todo o manejo sozinho, recebendo apenas o apoio de um funcionário. Às 4h45 o café já está pronto para dar início a mais um dia de trabalho. Clau sai da região do Campinho, onde possui a sua residência, até o Sítio São José, onde mantém as vacas. São apenas três quilômetros de deslocamento até a chegada para o momento da ordenha da Bisuca, da Flamengo, da Xalana e de todas as outras, por volta das 5h30.

Clau faz a ordenha mecanizada, canalizada em tanque resfriador, obtendo, somente pela manhã, cerca de 300 litros de leite e o restante, cerca de 150 litros, são provenientes da ordenha da tarde. Das 35 vacas, 25 delas estão no ápice da produção leiteira e as outras 10 já estão em fase de secagem. Mesmo assim, pelo menos 440 litros de leite são retirados na propriedade de Clau todos os dias são entregues a um laticínio de Lutécia. Ele explica que reduz a quantidade de ordenha nas vacas que estão secando deixando de oferecer a ração, estimulante da produção do leite, e mantendo apenas a alimentação por meio do volumoso com silagem à base de milho. Já as vacas que estão em fase de lactação, a ração é disponibilizada no coxo durante a ordenha. "Antes eu usava a ração 22 para vacas em lactação, mas agora estou usando a 24. Mudaram bastante os resultados, com um





aumento em torno de 25% sobre a produção anterior”, comenta Clau.

O técnico em agropecuária da Coopermota, Cristiano Tomieiro explica que a partir do momento que o pecuarista obteve uma melhoria genética no rebanho que possuía, com uma realidade de melhor tecnificação da produção leiteira, a opção de uso da ração para lactação 24 passou a ser a melhor indicada.

Martins conta que foi o primeiro comprador das rações da Coopermota em Paraguaçu Paulista. É cliente desde a década de 1990 e de lá pra cá fez alguns investimentos e alterações na sua forma de produção de leite, o que aumentou a sua rentabilidade. Há cerca de 10 anos vive exclusivamente da pecuária leiteira. “Nos últimos seis anos comecei a fazer inseminação artificial nas vacas, o que me trouxe muito bons resultados”, conta.

Começou na profissão por influência do pai, que era pecuarista desde a década de 1980. “Ele morreu há pouco tempo, mas ainda pôde perceber que a retirada dos bois do pasto para dar lugar à inseminação artificial dava certo”, destaca. O pai relutou no início mas percebeu que o investimento era vantajoso. Após participar de cursos de qualificação para a iniciativa, passou a realizar as inseminações pessoalmente.

Após a ordenha os animais são mantidos no pasto até as 10h e depois encaminhados para serem alimentados com silagem. Durante a tarde

passam pelo período de ruminção, até o momento da segunda ordenha do dia. “Em uma produção leiteira, a nutrição ocupa lugar de destaque para que se obtenha bons resultados. Aliado a isto também está presente a importância da genética e a sanidade do animal. Estas três coisas precisam andar juntas”, diz.

### } PRODUÇÃO PARA PEQUENO PRODUTOR

Claudinir Miguel Martins destaca que a pecuária de leite foi a melhor opção para a sua realidade de pequeno produtor. “O cultivo de grãos em uma pequena propriedade não compensa porque o agronegócio é mais indicado para grandes áreas e o arrendamento para ampliar o tamanho da lavoura é muito caro. A mesma situação se aplica tanto para o confinamento de bois, que para se ter lucro é preciso ter muitas cabeças, quanto para a pecuária extensiva de corte, em que é preciso uma grande área de pastagem”, pondera.

Ele acrescenta que o mercado já foi melhor para a sua situação, quando os remédios eram mais baratos, porém avalia que outros setores deste mercado também se alteraram de forma compensatória e que a realidade está equilibrada, atualmente. “Não tá ruim. Faço economia no manejo do gado, investindo em uma alimentação básica, porém balanceada e lucrativa”, afirma. O pecu-



arista explica que utiliza a silagem com milho como complementação alimentar por três meses, no período mais seco do ano. “Planto milho em cerca de dois alqueires somente para fazer silagem e depois faço pastoreio nas áreas que passam a ser cultivadas com aveia”, diz.

A área de silagem recebe cuidados de solo para a ampliação da produção. Neste ano, Clau utilizou calcário, gesso e adubo para a correção do equilíbrio do solo. Além da área de cultivo do milho, são 36 piquetes destinados ao manejo do gado. “As vacas preferem a grama com 30 ou 40 dias de germinação. Neste período é que a grama possui o pico de proteínas para o gado”, comenta.

Tomieiro comenta que se uma vaca estiver bem nutrida, ela será mais lucrativa, tendo osaios nos períodos previstos. Ele comenta que se ela estiver bem alimentada, terá um bezerro por ano, emprenhando no período de até 60 dias após o parto. ■



# RAÇÃO A GRANEL

## REDUÇÃO DE CUSTOS E QUALIDADE NO ARMAZENAMENTO

Com a diminuição no custo do saco da ração, o pecuarista garante a nutrição das vacas leiteiras e ainda consegue reorganizar suas finanças

O que antes era depositado em sacarias e estava sujeito a ação de fungos e roedores, agora ficará acondicionado em um silo próprio, com capacidade de sete toneladas para o armazenamento da ração destinada ao gado leiteiro. No sítio Água da Divisa, do pecuarista Aloísio Antônio Ferreira, localizado no município de Assis, está situada a primeira experiência de produtores vinculados à Coopermota, em que a ração será estocada a granel. A iniciativa visa reduzir os possíveis problemas com a armazenagem e ainda permite uma redução no custo da ração, que deixa de ser mantida em sacarias. Dessa forma, garante-se a sanidade do alimento destinado aos animais, além de outros benefícios.

Aloísio explica que se interessou pela proposta devido às possibilidades de redução no seu custo, o que vem buscando como medida para manter o negócio leiteiro viável para a sua realidade. “Com o silo, vou ter uma redução de custo no valor de R\$ 1,00 por saco”, comenta. Por meio de um contrato de comodato, estabelecido por tempo indeterminado, o produtor instalou em sua propriedade que é disponibilizado pela Coopermota. “Enquanto ele estiver usando nossa ração poderá utilizar o silo. Não há um prazo de validade para o comodato”, explica Diogo Suguita, gestor de suprimento e

varejo da Coopermota.

Outra vantagem sobre o uso do silo é que a sua estrutura garante o controle da temperatura e da umidade, o que dá mais segurança e independência aos produtores. Com a opção da ração armazenada a granel, o produtor retira apenas o volume de ração que será consumido a cada ordenha.

A nova estrutura instalada no sítio vai favorecer a adaptação do manejo das mais de 150 vacas leiteiras, em busca de melhores rendimentos, aliada a uma nutrição balanceada. O benefício vai ser sentido pela Tiazinha, pela Feiticeira, pela Princesa e por tantas outras que são alimentadas com a ração diariamente. Atualmente, 120 delas estão em lactação.

Há cerca de 10 anos, o pecuarista utiliza a Ração Coopermota para a nutrição das vacas leiteiras, que ainda recebem complementação alimentar com massa de mandioca e cevada no coxo, após a ordenha, além de silagem e o próprio pasto. “Desde que comecei a utilizar ração na alimentação das vacas, uso ração da Coopermota. As vacas se habituaram muito bem com esta alimentação e não se adaptam com outra”, destaca. Ele utiliza a Ração Coopermota “22 alta energia”.

Inicialmente, quando trabalhava em família, possuía um misto de atuação entre a pecuária leiteira



e a lavoura, mas após os irmãos se dedicarem a empreendimentos próprios, Aloísio se voltou exclusivamente à produção de leite. No entanto, ele avalia que o seu custo de produção está alto, pois está com o pasto degradado e o investimento em alimentação complementar tem incidido diretamente no aumento deste valor de produção. “Planto milho em 40 hectares para fazer silagem e uso este tipo de alimentação às vacas durante o ano todo. Venho fazendo reforma no pasto e corrigindo o solo nas áreas que planto milho”, comenta.

Nos piquetes, utilizo a braquiária para a alimentação do gado no pasto. “É impossível obter uma boa produção sem ração. O gado sente muito”, avalia.

Aloísio retira cerca de 1800 litros de leite por dia, sendo um dos maiores produtores em volume diário da região de Assis, com produção individual de aproximadamente 13 litros. “Penso em reduzir um pouco a quantidade de cabeças para conseguir ter retorno também com o pasto. Neste sentido, estaria num patamar ideal a produção entre 8 e 10 litros por vaca”, diz.

No balanço que realiza sobre os custos que possui para a produção, a ração para a complementação nutricional das vacas representa 40,5% do total de seus custos. Porém enfatiza que na busca por reduções de investimentos, este é um dos pilares que não pode ser alterado. “Sem uma boa alimentação e nutrição balanceada, o gado perde, não só com a redução do leite produzido, mas também com a queda da sua capacidade de fertilidade e sanidade”, destaca.

### } ROTINA DE RETIRO E ALIMENTAÇÃO

As atividades no Sítio Água da Divisa começam bem cedo, por volta das 3h da madrugada. Com uma carriola colocada embaixo do bico dosador do silo repleto de ração, o pecuarista prepara o alimento que será utilizado durante a ordenha. Lotes de cinco vacas são levadas até o local de retiro, acompanhadas dos bezerros, alimentados com o leite das vacas e com ração destinada ao crescimento. A relação de proximidade com o pecuarista é evidenciada pelos seus relatos. “Estamos nesta profissão porque gostamos do que fazemos. Posso até mudar de ramo da pecuária, mas sempre continuarei com os animais”, diz.

A ordenha das vacas se estende até as 8h, com as vacas sendo alimentadas diretamente com silagem e ração neste período. Logo em seguida elas são levadas para o coxo para serem alimentadas com cevada e massa de mandioca, onde permanecem até as 14h. Neste momento ocorre a segunda ordenha do dia, que se estende até as 18h, sempre com a mesma sequência de alimentação. Após estes procedimentos elas são soltas no pasto, onde permanecem até a ordenha da madrugada.

Na última entrega do leite que retirou na sua propriedade para o laticínio, localizado em Oscar Bressane, Ferreira conseguiu um preço mais atrativo para o seu negócio. “Conseguí pontos positivos na avaliação que realizam antes de comprarem o leite. Os índices de gordura, células somáticas e a contagem de bactérias existentes no leite estavam dentro dos valores fixados na avaliação de um bom leite. Consegui com isso R\$ 0,03 a mais por litro”, comemora.





No escritório da família, fichas com os nomes das vacas estão organizadas com todos os dados referente aos períodos de cobertura, prenhez e parto. “Esta, por exemplo, já teve algumas coberturas e não pegou cria. Com esta ficha faço o acompanhamento exato da situação de cada uma delas”, explica mostrando a ficha de uma de suas vacas. Dois bois são responsáveis pela manutenção do rebanho. “As mães foram fruto de inseminação, mas agora os bezerros são provenientes de cobertura destes bois”, conta.

As vacas já secas ou que não atendem às necessidades do pecuarista são vendidas para o mercado de corte. Da mesma forma, bezerros desmamados também são comercializados. “O mercado do bezerro está rentável. No ano passado eles custavam R\$ 700,00 e atualmente vendo por R\$ 1.040,00”, comenta. ■

# Boas práticas de manejo e ração adequada para um bom desempenho de tilápias

Os peixes são alimentados com ração balanceada e nutricionalmente completa até atingir o peso para o abate

O cenário lembra as águas salgadas dos mares, com coloração próxima ao verde. Tal imagem é vista por aqueles que observam o empreendimento dos pontos mais altos da localidade. A cor das águas se mistura aos azuis dos equipamentos utilizados como boias dos quase 900 tanques-rede da Piscicultura Cristalina, localizada em Fartura. Quando se trata de boas práticas de manejo e busca pela melhor tecnologia de produção de tilápias, o local é tido como exemplo para muitos outros empreendimentos. Além da preocupação constante com o manejo aplicado no trato com os peixes, o piscicultor Mauro Yoshio Nakata e o filho Mauro Tadashi Nakata mantêm a atenção na busca pela melhor alimentação dos peixes, de forma a obter a melhor qualidade do produto que comercializam. Yoshio Nakata afirma, o principal objetivo não é ser o primeiro do estado em produção, mas sim oferecer tilápias da melhor qualidade possível ao mercado consumidor.

Entre as ações que envolvem a produção, a alimentação ocupa papel de destaque, tendo em vista que somente com uma boa conversão alimentar aparente é que se obtém os melhores resultados no ponto de

vista econômico e produtivo. Neste item, considera-se a digestibilidade dos peixes em relação às proteínas, fósforo, vitaminas e balanceamento de aminoácidos disponibilizados nas rações, bem como a quantidade de alimento que é necessário para que se alcance o padrão ideal de comercialização das tilápias. O pesquisador da Apta Médio Paranapanema, Luiz Ayroza, explica que o coeficiente de conversão alimentar é um dos fatores determinantes do sucesso de uma piscicultura, aliado às boas práticas de manejo e a qualidade da água.

Na piscicultura, a valor investido na alimentação dos peixes equivale a aproximadamente 70% do custo total de produção desta cultura. Sendo assim, Ayroza destaca a importância de análise das rações a serem utilizadas para que se obtenha o melhor coeficiente de conversão alimentar, caracterizada pela quantidade de ração necessária para se alcançar o resultado final da produção. Ele explica que a ração deve ser bem absorvida pelos peixes. Ayroza cita, por exemplo, que a utilização de dois quilos de ração para se obter um quilo de tilápias vivas para a comercialização, não é lucra-

tiva, pois há um excedente de gastos por parte do piscicultor até o momento da despesca. Com algumas rações, conforme já constatado em pesquisas, é possível a utilização de 1,4 quilo de ração para se obter um quilo de tilápias. Tal situação de consumo do peixe é considerada como ideal e é avaliada em uma média obtida nas fases de alevinagem, pré-terminação e terminação das tilápias.

Na piscicultura Cristalina, os tanques-rede variam entre aqueles com maior área para a criação dos peixes, com metragens de 6x6 metros, ou de menor estatura, com tanques de 3x3, 2,5x2,5, ou ainda redondos. Embora em alguns casos ainda se adote a produção no sistema de safras, com maior produção no verão, na propriedade de Mauro Nakata o sistema é intensivo, com manutenção da produtividade em todos os meses do ano. "Hoje é uma tendência que todos os empreendimentos sejam adaptados para a produção de peixes durante o ano todo", afirma Nakata.

O piscicultor comenta que em temperaturas mais amenas, como as registradas no período do inverno brasileiro, os peixes comem 30% da quantidade de ração que comeriam em uma situação térmica ideal, próxima a 27°C. Contudo, altas temperaturas também não são favoráveis à piscicultura, o que exige, nos dois casos, diferentes posturas e manejos dos peixes para compensar as intempéries ocorridas. Entre algumas das medidas está o controle da densidade das tilápias nos tanques-rede conforme a temperatura, tendo uma situação ideal de peixes já em fase de terminação, com uma média entre 50 e 60 quilos por metro quadrado. Outra iniciativa diz respeito à quantidade de ração disponibilizada nos tanques-rede.

## RAÇÃO X FASES DE PRODUÇÃO

Desde a fase inicial dos peixes, ainda como alevinos, a ração varia de espessura, conforme capacidade de alimentação dos animais, partindo da constituição na forma de pó e seguindo para os formatos de granulação com 0,8; 1,8; 2,5; 3; 4; 6 e 8 milímetros. Ayroza explica que estas rações são utilizadas em três fases distintas, seja no período de alevinagem, com o peixe entre 1 e 100 gramas, de pré-terminação, com variação do peixe entre 100 e 500 gramas, e de terminação, quando o peixe atinge 500 gramas, até o final de seu ciclo de desenvolvimento, com cerca de 900 gramas ou até 1 quilo. A ração destinada ao período de alevinagem é mais cara, devido a maior quantidade de proteínas e maior teor de vitaminas que possui, porém é utilizada por pouco tempo, cerca de 40 dias. A proporção de uso deste tipo de ração equivale a 20% do total a ser consumido pelo peixe.

O ciclo de desenvolvimento dos peixes da Piscicultura Cristalina varia de sete a oito meses. Esta realidade se aplica no verão, dependendo de como são realizados os procedimentos indicados de trato. Neste processo, ele destaca também a importância de uma classificação bem feita, com a distribuição das tilápias em tanques de acordo com o tamanho dos peixes. "Esta medida garante que se mantenha um lote homogêneo, o que diminui a concorrência desleal entre eles", diz. Para os peixes maiores, a alimentação é realizada às 6h, 12h e 16h, já para os pequenos a ração é disponibilizada de hora em hora, em menor proporção.

Além da alimentação adequada, a aplicação de vacina nas tilápias quando elas estão entre 25 e 50 gramas também está entre as indicações de manejo da cultura. Trata-se de um antibiótico que age contra a *Streptococcus* e que permanece no peixe no decorrer de seu desenvolvimento. Outra medida adotada pelo piscicultor para garantir a sanidade dos animais diz respeito ao uso de sal

Mauro Tadashi Nakata e o pai Mauro Yoshio Nakata observam a preparação para a despesca.





diluído na água para eliminar parasitas que possam prejudicar o desenvolvimento dos animais. Nesta iniciativa, um saco de sal é submerso no rio, ficando preso aos tanques.

#### } PISCICULTURA CRISTALINA

A produção de peixes na Piscicultura Cristalina é de aproximadamente 200 toneladas de tilápias por mês, sendo parte delas processadas na forma de filé congelado ou resfriado. Antes de adotar o sistema de tanques-rede, Mauro Nakata possuía um pesque-pague às margens da rodovia Castelo Branco, km 68. “Muitas pessoas reclamavam da falta de peixes na entressafra e resolvemos encarar o desafio e iniciar a nossa produção nos tanques-rede rompendo com esta perspectiva de safra”, comenta.

O pedido de licenciamento dos tanques foi protocolado em 2003, sendo o primeiro deles liberado pelo Ministério da Pesca em 2009 e os outros dois em 2013. A piscicultura está localizada em águas de aproximadamente 25 metros de profundidade, porém com a redução do nível das represas da região, atualmente está com cerca de 15 metros. “Quanto mais profunda a água é melhor. Quanto mais raso, maior a criação de matéria orgânica. Em regiões mais profundas em que há redução na incidência da luz solar, no entanto, a água fica mais adequada à cultura”, afirma.

Desde 2008, o piscicultor passou a operar um frigorífico de pescados, instalado na propriedade, com capacidade de abater até seis toneladas por dia. Já em 2011, começou a processar as vísceras e resíduos da produção para a produção de óleo e farinha de peixe. Conforme divulgação em site da piscicultura, “os alevinos de 1,0 cm são recebidos nas unidades da Piscicultura Cristalina, onde permanecem por cerca de 6 a 8 meses, alimentando-se com ração balanceada e nutricionalmente completas, até atingir o peso para abate, ou seja, entre 0,8 kg e 1,0kg. Para peixes com mais de 2,0kg de peso médio, o tempo de cultivo ultrapassa 2 anos”. ■



# Planejamento da safra de soja com antecedência

medida indispensável para uma boa colheita

Análise de solo para verificação de pragas de raízes e dessecação antecipada estão entre as medidas preventivas necessárias para o início do planejamento da safra

Os solos da região do Vale Paranapanema já começam a ser cultivados com as sementes de diferentes variedades, indicadas para as características do solo e das condições climáticas, para o melhor desenvolvimento das cultivares para o local. Contudo, o planejamento da safra, uma das etapas mais importantes para garantir que o manejo da lavoura seja realizado de forma adequada, bem como para que as pragas sejam combatidas de forma satisfatória tanto ao produtor quanto ao ambiente, já deve ter sido iniciado nos meses anteriores. Um planejamento antecipado é a chave de bons resultados.

Sem a adoção de medidas preventivas, o produtor pode ser surpreendido por situações que trarão consequências no final da safra. Antes da semeadura, a amostragem de solo para analisar possíveis deficiências e também a presença de pragas que atacam as raízes das plantas garante o desenvolvimento inicial da soja que será cultivada. O pesquisador da Embrapa Soja/Londrina, Adeney de Freitas Bueno, explica que é preciso se precaver em relação a existência destas pragas pois caso

contrário, o agricultor perceberá os problemas acarretados pelas pragas quando os danos já forem consideráveis.

A organização das ações de controle de ervas daninhas e pragas é considerado por agrônomos e especialistas como a medida correta na preparação do solo ao plantio. A dessecação antecipada, cerca de 40 dias antes da semeadura, possibilita a eliminação mais eficaz das ervas daninhas.

O agrônomo da CooperMota, José Roberto Gonçalves Massud, explica que neste procedimento é preciso considerar as condições climáticas para a aplicação do defensivo, observando a temperatura de 22°C a 28°C, excluindo-se portanto, períodos de calor excessivo. Outros fatores a serem considerados são a umidade relativa do ar, que deve estar preferencialmente em torno de 60%, bem como a velocidade do vento, com indicação de condição ideal entre 5 e 10 quilômetros por hora.

Além disso, ele acrescenta que é preciso respeitar o período de pelo menos 20 dias entre a dessecação e o plantio, para que o produto aja no metabo-

lismo das pragas e doenças e a área esteja limpa para o plantio. “É um erro o agricultor imaginar que plantar variedades transgênicas em solo com ervas se economiza no uso de glifosato. Hoje, encontra-se na região ervas daninhas resistentes a este princípio”, afirma. Entre as plantas que já se tornaram resistentes ao glifosato estão a buva ou a voadeira, o capim-amargoso e até mesmo o milho tiguera, que já se tornou uma praga na soja por serem resistentes aos produtos com este princípio. A recomendação técnica para estes casos é a utilização de herbicidas hormonais, 2,4-D. Contudo, Massud destaca a possibilidade de rebrota das ervas daninhas no intervalo da primeira dessecação à data de cultivo, sendo necessária uma segunda aplicação de herbicida, com intervalo de sete a 10 dias, mediante o uso de Diurom + Paraquate ou Diquate.

O agrônomo enfatiza que com a dessecação antecipada também se atua no controle das lagartas Helicoverpas, já que com a eliminação das ervas, esta praga deixa de ter o alimento para a sua manutenção na lavoura. “A dessecação quebra o ciclo da lagarta e não a deixa se tornar adulta, morrendo por inanição devido à falta de alimento. Com isso, se obtém a consequente diminuição de população de lagartas na lavoura”, explica.

### } CUIDADOS COM AS SEMENTES

O agrônomo alerta que o produtor também deve ter cuidado com as sementes no momento de cultivo das lavouras. Massud enfatiza a necessidade de tratamento dos grãos antes da semeadura, utilizando-se de fungicida e inseticida. Ele explica que o fungicida deve ser, preferencialmente, de contato e sistêmico. No primeiro caso, sua utilização se justifica para o controle de fungos do solo, o que garante uma melhor germinação e mantém o “stand” conforme o planejamento do agricultor, já os fungicidas sistêmicos, como por exemplo o carben-dazim + o tiram ou o fludioxonil + o metalaxil - M, atuam na assepsia da semente. Estes dois fungicidas são importantes para a obtenção de um bom resultado na colheita

Já o tratamento da semente com o inseticida, visa controlar pragas do solo como piolho de cobra e o coró. O agrônomo recomenda os produtos com características de contato, como o Fipronil, e os sistêmicos, Tiametoxam ou Imidacloprido.

Massud enfatiza que a dessecação antecipada



promove a limpeza do terreno, eliminando assim o sistema de matocompetição com as sementes de soja. A atuação do herbicida no pós-colheita evita que a erva-daninha feche o ciclo de seu desenvolvimento, o qual resultaria na dispersão de sementes ao solo. Entretanto, destaca que é possível a existência de rebrotas de algumas ervas daninhas entre a dessecação e o plantio, resultantes do desenvolvimento das sementes lançadas ao solo pelas ervas daninhas e que estavam encobertas pela terra. Neste caso, é preciso mais uma aplicação de herbicida, anterior ao plantio.

Embora já se tenha ampliado a consciência do produtor quanto à necessidade de dessecação antecipada, esta opção de controle de ervas daninhas ainda não está generalizada entre os produtores. “Uns ainda cometem o erro de fazer a dessecação em cima da hora. Se faz mais antecipado, como recomendado, normalmente o produtor tem que fazer duas aplicações para garantir que o solo fique limpo”, completa. ■







# Giro de notícias

## POSTO ITINERANTE

Coopermota contribui com a coleta de mais de 21 mil embalagens de agrotóxicos

O trabalho realizado por meio da parceria entre a Coopermota e a Associação Regional de Recebimento e Prensagem de Embalagens Vazias (Arpev) viabilizou a coleta de 21.124 embalagens vazias de agrotóxicos. A atividade foi realizada na unidade da cooperativa de Ibirarema, envolvendo produtores daquela região. A coleta realizada neste ano arrecadou 137,5% a mais em relação ao ano anterior. Todo o material foi encaminhado para Paraguaçu Paulista, sede da Arpev.

A ação visa contribuir com a sustentabilidade do meio ambiente por meio da aplicação da lei que implantou a obrigatoriedade da devolução dos materiais utilizados na aplicação de insumos, conforme determina a lei nacional que rege o setor. Desde junho de 2000, todo produtor que adquire produtos agrotóxicos se responsabiliza pela devolução dos materiais vazios para a sua correta destinação. A Central de Recebimento de Embalagens de Paraguaçu Paulista é o posto regional que recebe tais materiais.

## AVALIAÇÃO NO CAMPO

Produtores fazem tour em propriedades de cana para avaliação de produtos

Pelo menos 20 produtores da região de Ribeirão do Sul e Campos Novos Paulista participaram do tour realizado em propriedades das duas cidades para avaliar o desempenho de produtos utilizados no cultivo de cana. Os materiais avaliados visam ampliar o enraizamento das plantas e oferecer um melhor perfilhamento dos exemplares. O evento foi organizado pela empresa Timac Agro, com apoio da Coopermota.

Na ocasião, os produtores foram instruídos sobre o uso do produto indicado para ser aplicado durante o plantio da cana e posteriormente os resultados foram

avaliados no campo. O representante da empresa, Geraldo Junior, destaca que em ambas as propriedades analisadas no tour, a cana apresentou melhor perfilhamento, com uma brotação antecipada em relação às áreas em que não foi aplicado os produtos. Esta antecipação foi avaliada em cerca de uma semana sobre as áreas testemunhas, em que não houve a aplicação dos produtos indicados.

# A MELHOR SOLUÇÃO DE MANEJO É

**Mario Figueira**  
Equipe de Manejo Monsanto  
Jataí/GO

**Alberto Schlatter**  
Produtor rural  
Chapadão do Sul/MS



MONSANTO



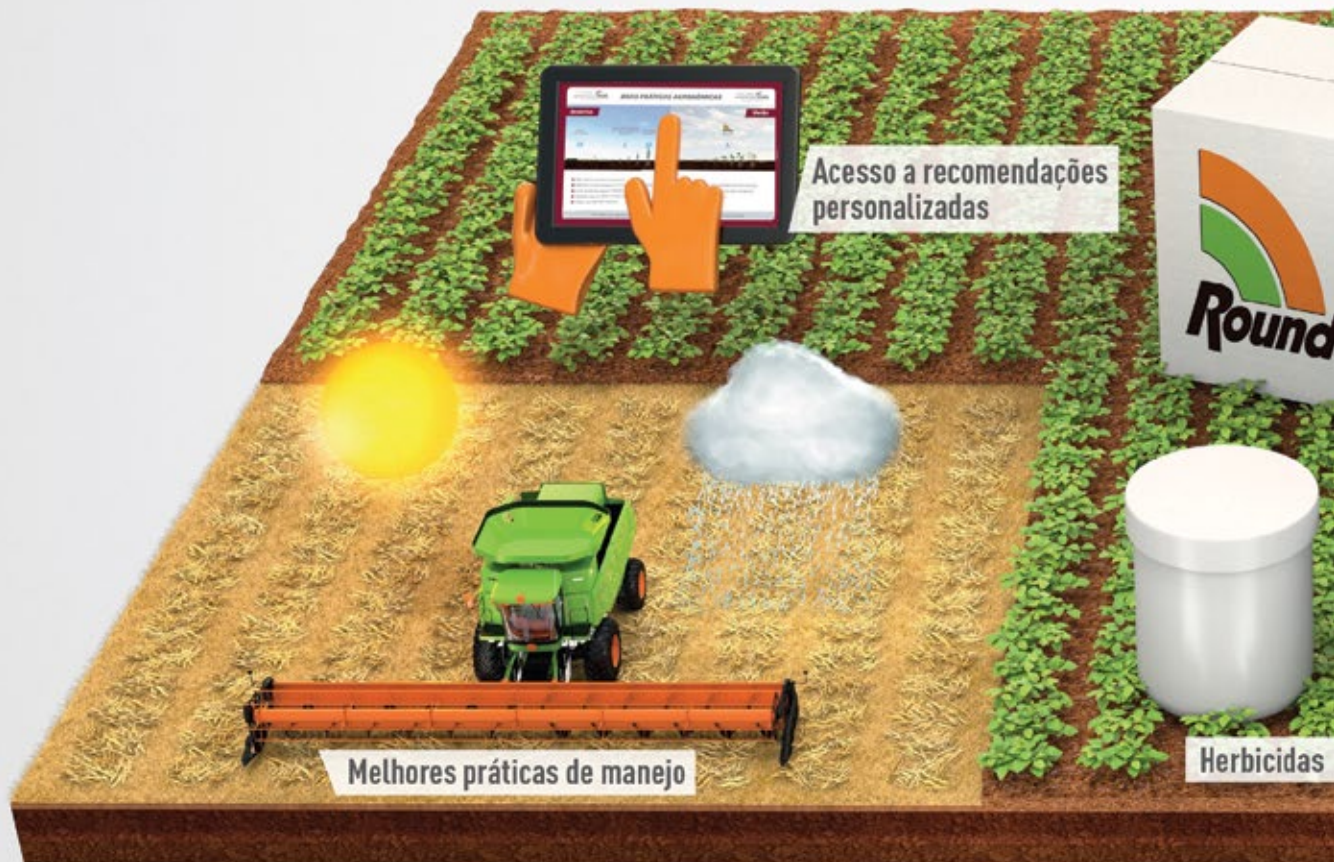
# STÁ AO ALCANCE DE TODOS.

**Valdeci Monteiro**  
Produtor rural  
Londrina/PR

**Luciana Colaço**  
Equipe de Manejo Monsanto  
Toledo/PR



# CONHEÇA O SISTEMA ROUNDUP



O Sistema Roundup Ready Plus é um programa de manejo desenvolvido pela Monsanto que utiliza Roundup e herbicidas alternativos e está associado às melhores práticas agrícolas disponíveis no mercado. Tudo para que o agricultor tenha máxima eficiência no controle de plantas invasoras.\*

\* O Sistema Roundup Ready Plus oferece um guia que recomenda as ações ideais para sua cultura, região e sistema agrônômico.

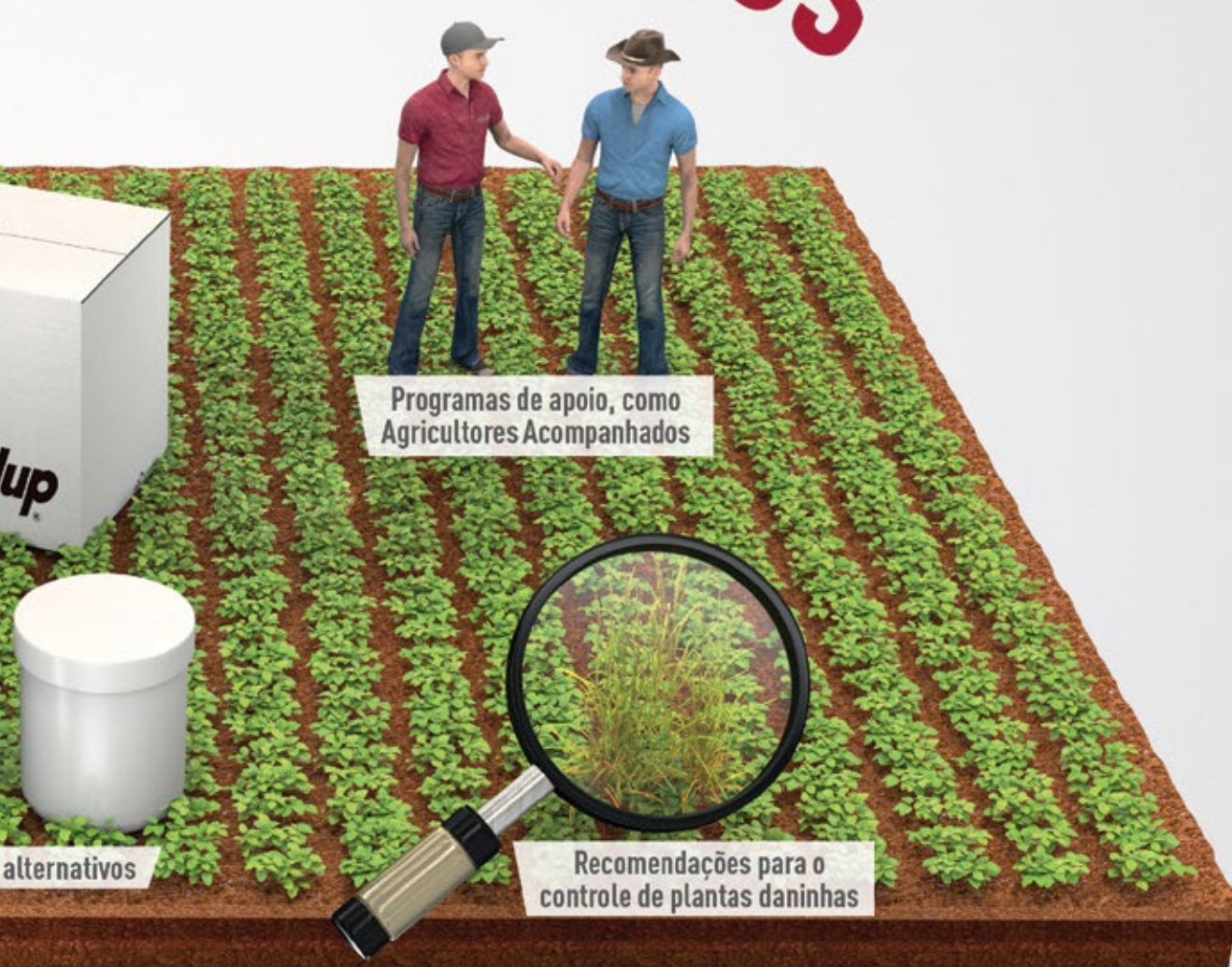


ADVERTÊNCIAS - PROTEÇÃO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE. Não permita que menores de idade trabalhem na aplicação. Mantenha afastados das áreas de aplicação animais domésticos, crianças e pessoas desprotegidas. Use equipamentos de proteção individual (EPIs). Não coma, não beba e não fume durante o manuseio do produto. Não desentupa bicos, orifícios ou válvulas com a boca. Primeiros socorros e demais informações, vide o rótulo, a bula e a receita. Evite a contaminação ambiental, preserve a natureza. Não utilize equipamentos de aplicação com vazamentos. Não lave as embalagens ou os equipamentos em lagos, fontes,

MONSANTO



# UP READY PLUS



Programas de apoio, como  
Agricultores Acompanhados

alternativos

Recomendações para o  
controle de plantas daninhas

ELNO.COM



Baixe o aplicativo Roundup Ready Plus.

Acesse [rrplus.com.br](http://rrplus.com.br)

SISTEMA   
**ROUNDUP READY PLUS**<sup>TM</sup>  
SOLUÇÕES DE MANEJO

rios e demais corpos d'água. Aplique somente as doses recomendadas. As embalagens vazias deverão ser enxaguadas três vezes e a calda resultante acrescentada à preparação a ser pulverizada (triplice lavagem). Descarte corretamente as embalagens e os restos de produto. Não reutilize as embalagens vazias. Periculosidade ambiental e demais informações, vide o rótulo, a bula e a receita. Informe-se sobre a importância do manejo integrado de pragas. Leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo ou faça-o a quem não souber ler. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO E SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES RECEBIDAS. PRODUTO DE USO AGRÍCOLA. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



# CANA-DE-AÇÚCAR

Clones elites do IAC  
avaliados por produtores na região

Cerca de 25 parceiros da região contribuem para a validação das novas cultivares criadas pelo IAC, as quais podem ser lançadas no mercado canavieiro e impactar os milhares de hectares cultivados no Médio Paranapanema

Um procedimento com prazo estimado de 15 anos entre a sua etapa inicial e final vem sendo desenvolvido na região de Assis e em pelo menos outras oito regiões, envolvendo cidades do estado de São Paulo e outras duas de Goiás e da Bahia. A iniciativa consiste na busca do melhoramento genético das cultivares de cana-de-açúcar, realizado mediante o desenvolvimento de clones que são cultivados em ensaios de seleção e análise, em áreas de lavouras de empresas sucroalcooleiras colaboradoras do programa. Depois deste período os clones ainda passam pelo processo de validação até serem considerados novas cultivares.

Na região de Assis, denominada no programa como Região 6, pelo menos 25 empresas estão cadastradas como parceiras desta iniciativa e realizam o cultivo experimental dos clones de forma a contribuir para o lançamento de novas cultivares direcionados para melhores produções e rendimentos, o que pode trazer impactos positivos aos mais de 500 mil hectares de cana-de-açúcar cultivados no Médio Paranapanema. Atualmente, os campos da região recebem, entre outras variedades, as cultivares IAC 95500, bem

como as IAC 4039 e 7569, provenientes de ensaios instalados em outras regiões de análise do Programa.

O pesquisador do IAC, Ricardo Kanthack, responsável pela Região 6 (Assis) e 7 (oeste de São Paulo), explica que por ano são produzidos entre 40 e 60 mil seedlings pelo IAC. Deste total são selecionados entre 1% e 3% das produções, com atenção àqueles com melhor desempenho para a produção dos clones que são analisados e novamente selecionados para plantio nos campos das cooperativas e empresas agrícolas parceiras. Dos 60 mil seedlings são produzidos entre 10 e 20 clones finais. A partir desta iniciativa, são criadas variedades que atendem especificamente às diferentes características regionais do estado de São Paulo, Goiás e Bahia. Com base neste processo, a região de Assis validou há alguns anos a criação da variedade IAC 6006, a qual já tem a sua presença no mercado sucroalcooleiro consolidada. "Esta variedade tem sido cultivada em Assis e outras regiões e também tem trazido bons resultados", comenta. Além desta cultivar, os clones IAC 6007 e 6075 também já estão em sua fase final de avaliação, prestes a serem lançados no mercado como cultivares com

características que atendem às especificidades do Médio Paranapanema. A estimativa é que eles estejam no mercado em cerca de cinco anos.

Em setembro, foram instalados em Maracá, na Cia Agrícola Santa Amélia, viveiros com pelo menos 16 “clones elites” que estão em fase de avaliação por meio do Programa. De acordo com o agrônomo José Roberto Thomazinho Junior, as

primeiras avaliações destes clones serão realizadas entre fevereiro e março do próximo ano, com atenção à resistência ou sensibilidade de doenças, bem como à condição de população dos colmos e a curva de maturação realizada no decorrer de quatro anos, entre outros.

Variedade criada na região

### } FASES DO PROCEDIMENTO

As sementes destinadas ao programa são produzidas em Serra Grande, de onde são encaminhadas para o Núcleo de Produção de Seedlings e Mudas, instalado no Centro Avançado de Tecnologia do Agronegócio Cana do IAC – APTA, em Ribeirão Preto. Depois de preparados, os seedlings são distribuídos em nove regiões de pesquisa do IAC, instaladas nas cidades de Piracicaba, Ribeirão Preto, Jaú, Mococa, Pindorama, Assis e Adamantina, no Estado de São Paulo, Goianésia, no Estado de Goiás, e Cocos, na Bahia. Os locais de distribuição dos seedlings possuem distintas características, seja no que se refere à qualidade do solo ou às condições climáticas. Os clones produzidos são denominados com numerações que correspondem à sua região de pesquisa, tendo Assis com a nomenclatura de IAC 6000, por se tratar da região 6 do programa.

Os melhores clones produzidos são avaliados de acordo com a altura, o diâmetro e o número de colmos existentes na planta selecionada. Somente os clones que se destacarem neste processo de produção e multiplicação de exemplares é que são encaminhados para ensaios de seleção implantados em empresas parceiras.

De acordo com dados do programa, a realização dos ensaios em áreas de propriedade de empresas parceiras permite a estes produtores ter o acesso precoce à informações relacionadas à cultivar que poderá ser lançada para a sua região. Relatórios do programa destacam que dentre as regiões utilizadas como pontos de avaliação do desenvolvimento dos clones, Assis é a única região que não apresenta déficit hídrico histórico no período de maturação da cana, o que favorece a cultura, apresentando, portanto, maior potencial de maturação em condições de baixo estresse hídrico. Por outro lado, tem se mostrado suscetível a problemas fitossanitários como o Mosaico, Estrias de Folhas e Ferrugens. ■





NOVAPPA

**MOMENTOS DE DIVERSÃO  
EDUCATIVA E CULTURA  
NA FICAR 2014, EM COMEMORAÇÃO  
AO DIA DAS CRIANÇAS**

REALIZAÇÃO



em parceria com o



# Cool seed

A melhor proteção em pós-colheita



**UTA\***  
UNIDADE DE TRATAMENTO DE AR



**SBJ\***  
SECADOR DE BANDEJA



**PCS\***  
RESFRIADORES DE GRÃOS E SEMENTES



**SRF\***  
SILOS RESFRIADORES

Os equipamentos Cool seed são destinados a manutenção da qualidade de grãos e sementes sendo tecnologias limpas e que reduzem custos e perdas na armazenagem.

[WWW.COOLSEED.COM.BR](http://WWW.COOLSEED.COM.BR)



BR 277 Km 611, nº1500 - Santa Tereza d'Oeste - PR - BR - Telefone: +55 (45) 3231-1677/8819-8070



COOPERATIVA DOS CAFEICULTORES E PLANTADORES DE CANA DA MÉDIA SOROCABANA

## Uma história de 45 anos na Coopermota

Neste mês de outubro uma figura bastante conhecida entre os produtores e empresas de comercialização de grãos de São Paulo celebra um tempo considerável de atuação na Coopermota; a ele a nossa homenagem

Uma voz mansa e baixa permeou a conversa que durou quase uma hora. Nos sentamos frente à frente para mais um bate-papo, no intervalo de suas consultas aos sistemas de mercado e contatos com diferentes empresas. Depois de relutar por algumas vezes em aceitar o convite, Zé Dias, como é conhecido por todos, concordou revirar as suas memórias para lembrar um pouco de sua história. Em 06 de outubro de 2014 ele completou 45 anos de trabalho, em uma relação de vida pessoal misturada à história da Coopermota.

Foi em uma segunda-feira de outubro que Zé Dias, atual gestor de comercialização, começou sua carreira na Coopermota, atuando como contínuo. Na verdade, a sua ligação com cooperativas se estende desde a sua infância, já que morou em uma casa que era uma espécie de anexo da primeira cooperativa onde o pai, Lázaro Dias, atuou. “Meu pai foi fundador da Coopermota, depois de já atuar na Cooperativa Agrícola Mista de Cândido Mota Ltda., localizada à época, na Coronel Valêncio, 461. Lá vendia-se de tudo, peças de tecido, material de construção, secos e molhados... Tinha tudo para servir o agricultor. Meu pai estava envolvido em tudo, desde o Rotary Club

a entidades religiosas e sindicais. Minha mãe até ficava brava dizendo que ele cuidava de todo mundo e deixava a família pra trás”, comenta.

Zé Dias conta que na época, tudo na cidade girava em torno do seu pai, considerado por ele e por demais agricultores do período como um líder rural, já que se dispunha a ajudar os demais produtores em diferentes situações, seja em questões de saúde, quando precisavam de transportes para ir ao médico, ou para se deslocarem até o sítio, quando as famílias chegavam de viagem na cidade e não tinham como ir até as propriedades para onde se deslocavam. “Nós sempre estávamos com ele. Se não era eu era meu irmão. Naquele tempo a gente acompanhava o pai em tudo, reuniões, assembleias ou qualquer outra atividade”, destaca. A história de seu pai é bastante representativa para a sua própria história, sendo uma importante referência de atuação e desprendimento.

Zé Dias fala com orgulho no papel de intermediador de ações políticas ocupado pelo seu pai. “Ele ia para São Paulo conversar com o presidente do IBC (Instituto Brasileiro do Café), com o representante do Departamento de Assistência ao Cooperativismo...”, destaca. Nestas viagens, esperava pelo retorno do pai

dentro do carro estacionado em frente aos prédios destes órgãos, nas regiões dos bairros nobres da capital paulista. “Eu ficava dentro da caminhonete esperando por ele à noite. Ficava lá durante o tempo que fosse necessário. Chegava a dormir no carro”, recorda.

Ele lembra que quando a Coopermota começou a entrar em funcionamento, utilizava máquinas de café volantes e que as lideranças que estavam à frente das ações da cooperativa montaram essas máquinas sobre pequenas carretas, que eram tracionadas por um trator. Elas eram transportadas até as fazendas de cafezais conforme a necessidade. Neste período, a cultura do café estava em alta na região do Médio Paranapanema e nesta primeira etapa a cooperativa dispunha de duas máquinas destas. “Eram umas máquinas grandes em cima de uma carretinha puxada pelos tratozinhos ford, pequenos, branquinhos. Quando chegava na subida o trator até empinava. Era até cômico. Eu me lembro, que o primeiro maquinista da Coopermota foi o senhor Francisco Milanês”, comenta.

O jovem Zé Dias, com pouco mais de 10 anos, já se interessava pela cooperativa neste período quando acompanhava, ao lado de seu pai, a montagem desta grande máquina. Foi tudo preparado no quintal de sua casa, na rua Coronel Valêncio. Vez ou outra também espiava de longe as reuniões de pré-fundação da Coopermota que aconteciam na casa dele. Ele cita que os líderes que se movimentaram e encabeçaram a iniciativa de fundar a cooperativa, como Jair Ribeiro da Silva, Gilfredo Moreti e Joaquim Galvão de França sempre se reuniam em sua casa. “Tinha bastante café na região e só sete ou oito cerealistas tinham máquinas de café. O meu pai e estes líderes achavam que deviam ser independen-

tes”, explica.

Passaram-se 10 anos entre a fundação da Coopermota até a sua admissão nesta cooperativa. Na época, Zé Dias já tinha 21 anos. Antes de ser inserido entre os profissionais que atuam na Coopermota, trabalhou na Cooperativa Mista, entre 01 de março de 1961 até meados de 1969. Todas as datas e endereços estão bem guardados e protegidos em sua memória, já que sem nenhuma marcação em papéis ou arquivos digitais, ele as cita prontamente para cada fase de sua trajetória.

Depois da experiência profissional na primeira cooperativa foi para São Paulo trabalhar na matriz do Banco Bradesco, que estava em expansão no período. Trabalhou quatro meses na capital paulista, mas logo retornou ao interior. “Eu não me acostumava lá em São Paulo. Aqui estavam os meus pais e minha história. Todo sábado vinha pra cá e em um final de semana destes disse ao meu pai que não queria voltar. Então ele foi até Assis, na casa de Jair Ribeiro, na rua Quintino Bocaiuva, 381, para interceder por mim (se emociona). Depois disso, no dia 06 de outubro eu comecei aqui. Comecei como contínuo, um office boy de hoje”, explica. Nesta rotina, fazia de tudo um pouco, ia de bicicleta ou de ônibus ou mesmo à pé até Assis, onde ficava a agência mais próxima do Banco do Brasil, onde se realizavam os financiamentos dos agricultores e os negócios de um maneira geral. Os produtores dependiam de financiamento e faziam os seus negócios lá.

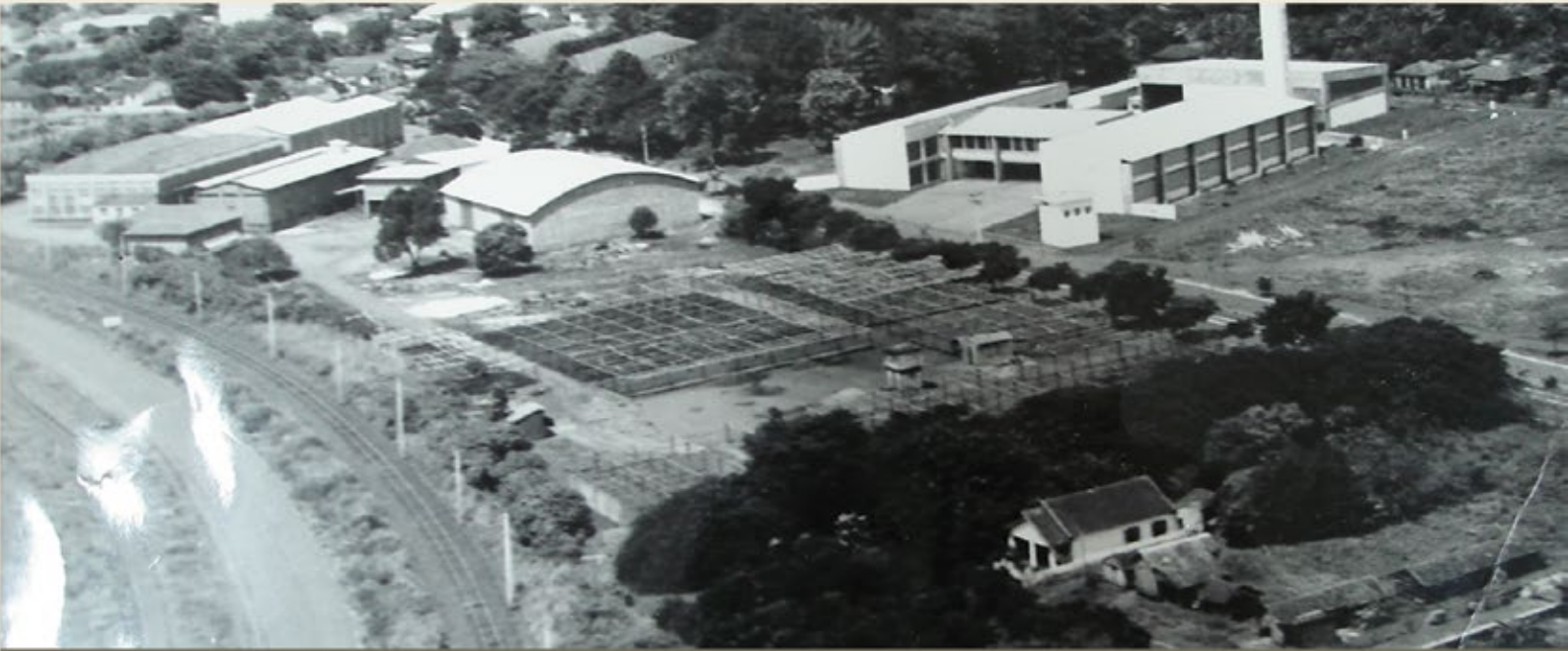
“Quando comecei aqui não pensava na importância de estar atuando em uma cooperativa que tinha sido fundada pelo pai, mas hoje sei da luta deste pessoal para fazer a cooperativa, porque não é fácil, e tenho orgulho disso. Foi muito sacrifício”, enfatiza emocionado. Zé Dias conta que inicialmente foi



comprado um pedaço de terra na região próxima de onde hoje está situada a Unidade de Negócio, e os setores de Recursos Humanos e Transportes. Neste espaço construíram o primeiro armazém da cooperativa, onde hoje é a loja. Fizeram também o prédio da casa de café e a residência do gerente. “Neste tempo eu ainda não frequentava aqui, não acompanhava. Comecei a participar quando entrei na Coopermota”, diz.

Dias se emociona ao lembrar e destacar o período em que atuou com Jair Ribeiro na Coopermota, e afirma ter orgulho de falar dele e das pessoas que se envolveram com o projeto de funda-

ção da cooperativa. “A gente sabe dos valores, da missão que estas pessoas tiveram e do sofrimento deles. São pessoas que largavam os afazeres de casa para vir resolver os problemas que surgiam, para vir numa assembleia. Eles foram muito importantes”, relata. Ao ser questionado sobre sua opinião em relação à atuação de seu pai, Zé é taxativo ao reconhecer que nunca teve a mesma disposição e representatividade. “Por tudo que a gente vê que acontece hoje, na minha opinião, jamais voltaremos a ter alguém com este mesmo perfil na região. A ação de meu pai e dos outros líderes ficou na lembrança”, avalia.



### } MUDANÇAS NA COOPERMOTA E NA SUA ATUAÇÃO

Em 1963, a Coopermota firmou parceria com o Instituto do Alcool e Açúcar (IAA), que se propôs a fazer uma usina de açúcar em Cândido Mota. O projeto estava bem embalado e a cooperativa passou a adotar a razão social de Cooperativa dos Cafeicultores e Plantadores de Cana da Média Sorocabana de Cândido Mota Ltda. O nome foi alterado para viabilizar a inclusão da usina entre os seus negócios. Neste período, muitos produtores de Palmital se tornaram associados da cooperativa, mas com o Golpe de Estado de 1964, referido por Dias como a famosa revolução de 31 de março de 1964, e o início do regime militar, os investimentos foram interrompidos. A iniciativa não teve andamento. Continuou com este nome por mais alguns anos, mas depois voltou a ser cooperativa apenas de cafeicultores.

Entre 1971 e 1973, começou a se produzir soja na região. Neste ano, a própria cooperativa chegou a exportar o grão, contando com a parceria de outras empresas para o recebimento do grão que seria comercializado. A soja chegou a ser depositada no silo da cooperativa Holambra, em Paranapanema, e na

Ceagesp, em Ourinhos. A ligação de Dias com a comercialização já estava se consolidando desde este período, já que ele acompanhava o embarque e o carregamento, bem como a expedição de notas destas operações. Com a demanda de soja em crescimento, em março de 1973 foi inaugurado o primeiro silo da Cooperativa. “A primeira viagem de soja que entrou no silo 1 foi do senhor Fernando Peralles. Isso me marcou. Tem coisa que marca a gente”, comenta.

Dias lembra, já esboçando um sorriso no rosto, que como o escritório onde trabalhava era localizado do lado da loja, os funcionários ficavam na janelinha apostando qual caminhão conseguiria subir a rampa para ter acesso à moega, já que a inclinação era bastante grande e os caminhões não tinham força para isso. “Ainda tem esta rampa, mas na época ela era maior. Às vezes o caminhão voltava e então tinha que puxar com um trator. A gente ficava apostando”, lembra rindo. Era o início do recebimento de grãos na Coopermota.

Naquele período, as definições de função não eram tão fixas como são atualmente e Zé Dias

conta que fazia de tudo um pouco. A comercialização da cooperativa ficava sob comando do gerente geral da Coopermota e certa vez, mais ou menos em 1974, ele o incumbiu desta responsabilidade, depois de aproximadamente seis anos de atuação na cooperativa. Foi seu ingresso no setor, onde permanece até hoje.

Dias lembra que no ano seguinte, em 1975, foi quando houve uma geada muito forte na região, com termômetros registrando cerca de quatro graus Celsius negativos. "Foi na madrugada de 18 para 19 de julho de 1975. Na estrada que dava acesso a Frutal, que não era asfaltada, tinha carro que não conseguia avançar nas subidas por conta do gelo que ainda tinha por lá. Isso por volta das 10h da manhã. Foi uma geada bastante forte. Acabou com os cafezais", exclama. Depois disso, aos poucos a produção de café foi decaindo e deixou de ser uma cultura com tamanha importância no Vale.

"Herdei o envolvimento com cooperativas do meu pai. Tenho orgulho de dizer que este é um setor desgastante e estressante, em que às vezes me envolvo com muitos problemas, diante da responsabilidade da atividade, mas sinto que o produtor confia no meu trabalho. Sinto prazer em atender atualmente, os netos dos produtores que já comercializavam seus produtos na cooperativa há vários anos comigo. É uma vida dentro da Coopermota", destaca. ■

**"Tem coisa  
que marca a gente."**



Comemoração dos seus 40 anos na Coopermota



# Trabalho manual para transformar a madeira

São artesãos garimpeiros de madeira, as quais serão reutilizadas na construção de brinquedos; mais de 50 tipos já foram construídos

Árvores que ornamentam sítios e campos rurais retornam às moradias de diferentes famílias como forma de decoração ou brinquedo. A madeira que já foi utilizada como apoio de equipamentos industrializados, no formato de paletes, ou como cobertura de residências, na forma de forros, e outras utilizações, não tem o processo do ciclo produtivo concluído ao ser descartado por empresas. Essas estruturas de madeira podem dar forma a diferentes produtos com ângulos redondos e com função lúdica, nostálgica ou decorativa. Com o olhar voltado para essas diferentes utilizações da madeira, a revista O Campo foi até a casa de um dos artesãos da região para conhecer a produção de brinquedos em madeira crua, que se tornou a principal atividade de João Ramalho e Alexandre Ramalho (Alemão), pai e filho que se dedicam à arte de moldar a madeira.

A atividade lembra as práticas do século XIX, em que grande parte dos brinquedos manipulados pelas crianças daquele período era produzida pelos pais ou pessoas próximas a elas, em fabricações caseiras. Os dois artesãos sempre estão em feiras e exposições com o material que produzem. Atualmente a dupla se

aplica na construção de brinquedos, bem como na “garimpagem” de madeira, seja no formato de raízes, troncos ou restos de construções, para serem reutilizadas na produção artesanal dos produtos. A busca ocorre nos sítios dos parentes ou de amigos, ou mediante o contato com empresas que se utilizam de paletes no seu cotidiano. Além disso, muitos já sabem do interesse da dupla por madeiras que possam ser reutilizadas e fazem uma série de doações.

Nas caixas de armazenagem dos artesanatos estão aviões, rodas gigantes, brinquedos enigmáticos que propõem a reflexão sobre seu funcionamento, calhambeques, motos de grande potência, trens, carros de boi, tratores, caminhões variados, cadeiras e uma série de produções. São 50 tipos diferentes de brinquedos já produzidos. “Muitos destes que fazemos permitem às pessoas reviverem suas histórias de vida”, comenta João Ramalho. Nestes casos, são os brinquedos com perfil retrô existentes entre as produções da dupla que despertam tais sensações. “Os brinquedos encantam mais os adultos, que geralmente os adquirem para decoração de ambientes”, diz Alemão.

Alexandre Ramalho (Alemão)



Chegamos à casa dos artesãos no horário combinado e prontamente fomos atendidos por pai e filho. Enquanto a máquina fotográfica permanecia protegida do pó da madeira na sala da residência, nós três nos sentamos no ambiente de trabalho dos artesãos para “um dedo de prosa”. Seu João tira o pó de um banco onde eu me sento em meio aos dois. Muito atencioso, ele começa a contar um pouco de sua história e sua ligação com o artesanato, o que ocorreu somente depois de se aposentar.

Após alguns minutos, Maria Vilalba Ramalho, a esposa de João, chega até onde estávamos, com uma garrafa de suco para hidratar a conversa. O clima é de descontração. Embora não vivam no sítio, a ligação dos dois com a vida rural é constante, já que afirmam ter parentes que moram nestas localidades.

João e Alexandre Ramalho trabalhavam como pedreiros e desenvolviam também a atividade de carpintaria nas casas construídas por eles. Certa vez, João sofreu uma queda e teve problemas na coluna. “Eu estorei a coluna. Tenho várias platinas”, diz ele se levantando e mostrando as cicatrizes na espinha dorsal, que mantém viva a memória do episódio. Com isso, o trabalho que desempenhavam teve que ser suspenso. Fizeram então o primeiro carrinho, ainda bastante rústico, em abril de 2009. A data está gravada na parede do local onde trabalham, de forma a não deixar que seja esquecida. Para que seja possível enxergarmos a marcação, João Ramalho limpa com a mão a madeira da parede para retirar o pó resultante do trabalho de lixar os brinquedos.

Sobre a bancada, diversos bois em miniatura, encangados com a carreta milimetricamente cortada e fixada por meio de encaixes e cola, demonstram o trabalho ainda a ser feito. A encomenda é grande já que participariam na semana seguinte de uma grande feira em São Paulo. Seriam levadas 2 mil peças para exposição e comercialização.

## )} PRAZER E PROFISSÃO

Sentado sobre a máquina denominada de “Tico-tico de bancada”, destinada aos recortes dos moldes dos brinquedos, Alemão comenta que gosta do que faz e principalmente das oportunidades que o artesanato lhe proporciona. Conhecer outras culturas e realidades por intermédio das viagens que realiza para as exposições, vinculadas à ação da Associação de Artesãos de Assis (ASA) é o que lhe faz sentir mais atraído por esta atividade. Além de se aplicar na produção dos brinquedos nos padrões que ele e o pai mantém ultimamente, Alemão afirma ter planos mais ambiciosos à profissão para os próximos anos.

No espaço onde conversamos estão dezenas de madeiras desmontadas de paletes recebidos em doação, conjuntos de restos de ferro, um aglomerado de bambu depositado mais à frente e outros. Ramalho explica que o bambu é utilizado somente para os detalhes dos brinquedos. O ofício de reproduzir na madeira algumas imagens que ainda permanecem na memória é realizado sem muitas dificuldades para os dois, que se revezam no desenho do molde, corte e acabamento. “Ele desenha melhor, eu não desenho muito bem não”, diz o pai.

Alemão também já começa a se aplicar em outras vertentes do artesanato e diz que está aprendendo a trabalhar com o entalhe na madeira. “Comecei a fazer alguma coisa, mas ainda não é o meu forte. Aquela placa que está na entrada de casa foi eu quem fiz. Também mexo com cabaças sem o uso nenhum de biscuit. É tudo de madeira. Eu dou a forma ao brinquedo e minha esposa (Maria de Fátima Liberto) pinta”, afirma.

Ramalho (pai) destaca que como pedreiro ganhava mais, mas não se arrepende de ter mudado de ramo. “Se eu soubesse que fosse assim eu teria começado antes. Trabalhar em casa, com a

família e ainda ter oportunidades de contato com outras pessoas e culturas é muito bom”, avalia.

### PRODUÇÕES

Tico-tico de bancada, serra circular, desengrossadeira, furadeira de bancada e de mão, lixadeira e uma série de outros equipamentos são utilizados pela dupla na confecção dos brinquedos. Do local onde estamos sentados, no “ateliê” dos artesãos, avista-se um avião de 1,20m x 1,10m pendurado. Ele foi construído por eles para presentear o neto de Ramalho, porém acabou se tornando decoração do ambiente. Além deste brinquedo de formato maior, Alemão também conta que já fez princesas, cama e outros objetos de tamanho real, atendendo as demandas que recebeu.

Os brinquedos variam de custo entre R\$ 5,00 e R\$ 200,00. Eles são produzidos e montados com cola, tendo o uso de parafusos ou pregos somente em raras situações em que o tamanho do brinquedo exige a utilização deste recurso para garantir a sua durabilidade. Mais de 100 brinquedos chegam a ser construídos por mês. Um carrinho de boi, por exemplo, dotado de um boi de 10x8cm, uma canga e um carrinho, no formato de 25x13cm, pode ser feito entre duas e três horas. ■



João Ramalho com um dos carrinhos que produz



MOSAICO JOVEM

# Cooperativismo em forma de teatro aos pequeninos

A atividade foi realizada em Campos Novos Paulista, em escola estadual de ensino fundamental

Quase 400 estudantes do Vale Paranapanema assistiram a estreia da peça teatral “De grão em grão”, do grupo Son Viv, atuante na capital paulista. A atividade fez parte do programa Mosaico Jovem, oferecido pelo Sescop/SP e realizado, neste caso, em parceria com as cooperativas Coopermota e Sicoob-Credimota. O espetáculo foi encenado em Campos Novos Paulista, na escola Viviana Lúcia de Moraes Franco e abordou questões sobre a cooperação e o trabalho em conjunto para a obtenção de resultados positivos em diferentes atividades.

O pátio da escola foi transformado no palco que recepcionou os artistas, em um clima de cultura e arte ligada à educação. Sentados no chão ou nos bancos dispostos no local para a acomodação das crianças, com idades entre sete e 11 anos, o público estudantil teve contato com um mundo lúdico em que os animais falam e interagem entre si. O espetáculo foi constituído com texto e direção musical de Fernanda Maia, tendo ainda o figurino e o cenário sob responsabilidade do ator Daniel Costa, que contratou com Lucélia Sérgio e Vivian Bertoco, proprietária da empresa cultural. A proposta teatral começou a ser

gestada em junho deste ano e estreou em Campos Novos Paulista, utilizando-se de linguagens facilmente assimiladas pelos estudantes, que acompanharam, atentos, a apresentação.

Na peça, Gorete é uma galinha feliz que gosta de cuidar do seu jardim de flores até que encontra uma espiga de milho e resolve plantá-la para que o grão se multiplique. Para essa iniciativa, convoca Violeta, a vaca que faz bolinhos de queijo para vender. A amiga e vizinha afirma estar muito ocupada com os pães de queijo que produz para serem comercializados e se recusa a se envolver no plantio do milho. A vaca é uma vendedora muito eficiente, mas sofre com o seu constante esquecimento dos produtos no forno e a perda dos pães, que acabam queimados. Do outro lado, o vizinho Francis Bacon, é um porco com dotes culinários, mas com problemas de relacionamento com os clientes devido à sua timidez.

O tempo passa e cada um se mantém voltado ao seu trabalho individual e com algumas dificuldades, até que ambos percebem que a união dos três em um projeto comum poderia trazer resultados mais positivos no cotidiano do grupo. Nesta iniciativa, Gorete



passa a se responsabilizar pelo plantio do milho e pela disponibilidade de matéria-prima para que Francis produza os seus famosos biscoitos de Araruta e Violeta os comercialize na feira. A mudança de postura dos animais, que passaram a trabalhar em conjunto, fez com que eles superassem os problemas até então enfrentados.

A professora Mirtes Gama Rodrigues da Silva é responsável pela turma do segundo ano daquela escola e avalia positivamente a iniciativa de levar o tema da cooperação às crianças no ambiente escolar. "A gente já trabalha com a cooperação entre eles de maneira informal, colocando cada um para ajudar o outro na realização das tarefas escolares. O teatro veio para contribuir com a valorização desta perspectiva de ação", afirma. Ela destaca que gostou muito da apresentação.

### } MOSAICO JOVEM

Trata-se de um programa oferecido pelo Sescop às cooperativas que mantêm este sistema de cultura e educação por meio de repasses de recursos financeiros à entidade. Nas atividades relacionadas ao programa Mosaico Jovem são apresentados espetáculos teatrais em escolas das áreas de abrangência das cooperativas parceiras, mantendo sempre o cooperativismo como o tema das apresentações. É uma maneira de incentivo ao envolvimento das crianças com a cooperação e inserção delas no mundo das cooperativas.



Vivian Bertoco (Gorete) e Daniel Costa (Francis Bacon)





# BOSQUE COOPERMOTA

Mudas de Ipê revitalizam praça e contribuem com ações de conscientização ambiental

Uma série de ações vem sendo realizada pela cooperativa em parceria com as prefeituras municipais – objetivos de ação socioambiental; educação e de memória

**M**udas de Ipê Rosa, Amarelo e Branco foram cultivadas em praças das cidades de Santa Cruz do Rio Pardo e em Maracaí, cidades onde foram inauguradas Unidades de Negócios da Coopermota. As ações foram realizadas nos meses de agosto e outubro, em parceria com as secretarias municipais de cada cidade, as quais disponibilizaram o espaço para o plantio das árvores nativas da região. Nesta ação, a Coopermota se responsabilizou pela oferta das mudas para o plantio, como parte das ações do projeto Bosque Coopermota e das atividades comemorativas de reinauguração da unidade.

No total, foram 40 mudas plantadas nas praças das duas cidades participantes do projeto. Além de se tratar de uma árvore nativa da região, a escolha do Ipê para o Bosque Coopermota também se justifica pelo caráter simbólico desta árvore, a qual representa a amizade. A iniciativa demonstra a parceria da cooperativa com as localidades onde está instalada, dando destaque ao valor das ações coletivas e da participação conjunta de diferentes setores em torno de um bem comum.

A proposta é contribuir com a preservação ambiental das cidades e promover o envolvimento das comunidades em atividades da cooperativa, bem como manter ativa a responsabilidade de cuidados com as árvores plantadas no Bosque Coopermota. Cada muda foi plantada por representantes de entidades agrícolas e de autoridades da cidade, bem como por agricultores da região.

O presidente da Coopermota, Edson Valmir Fadel explica que este projeto dá destaque à importância da aproximação da cooperativa com a comunidade, retribuindo por meio de ações como essa, a parceria estabelecida entre a Coopermota, produtores rurais e a sociedade como um todo. Além disso, destaca a necessidade de preservar o ambiente, já que a cooperativa tem ligação direta com este setor e sabe da importância da adoção de práticas sustentáveis. Os desdobramentos positivos ou negativos relacionados ao ambiente refletem diretamente na atuação dos cooperados e, consequentemente, da cooperativa.



# BOSQUE Coopermota

A **COOPERMOTA** VALORIZA  
A **PRESERVAÇÃO**  
E **SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL.**



AGORA INSTALADOS EM  
SANTA CRUZ DO RIO PARDO E MARACAÍ



# Cerca de 300 crianças participam das atividades do Dia C

Por meio de brincadeiras e ações de orientação educativa, as crianças tiveram contato com mensagem de valorização em relação ao ato de cooperar

Ação de cooperar e do agir coletivo foi o tema das brincadeiras e atividades realizadas em Maracá, Paraguaçu Paulista e Ibirarema, como parte da programação nacional do Dia C, Dia de Cooperar. No total, aproximadamente 300 estudantes foram sensibilizados com as ações da data comemorativa, por meio de brincadeiras e orientações dos profissionais envolvidos no projeto. A Coopermota fez parte desta iniciativa organizada pela Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), por meio do projeto Cultivando Conhecimento, realizado nas escolas Augusto Novaes, em Ibirarema, Therezinha Cação Goya, em Paraguaçu Paulista, e Coronel Azarias Ribeiro, em São José das Laranjeiras. No projeto, as técnicas de cultivo e cuidados com as hortas são levadas às crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental, como forma de impulsionar esta prática em meio aos estudantes.

A formação ambiental e educativa junto aos estudantes, tem o objetivo de disseminar entre os pequeninos, os conceitos do cooperativismo e das propostas de iniciativas conjuntas para a realização de objetivos comuns, bem como valorizar o contato

com a terra e o saber do campo. O projeto vem sendo desenvolvido pela Coopermota há pelo menos cinco meses e já começa a oferecer os primeiros resultados, os quais foram apresentados à sociedade de uma forma geral em setembro, no Dia C.

As ações foram realizadas concomitantemente nas três unidades da cooperativa, contando com a participação de integrantes do SESCOOP/SP e de voluntários regionais de cada município. Além de brincadeiras, pinturas artísticas faciais e a confecção de brinquedos com garrafas pets, também foram realizadas orientações de saúde bucal e outras.

Em Paraguaçu Paulista, a mãe de um dos estudantes, Sílvia de Oliveira, destacou a importância da realização de atividades que tenham o perfil de envolvimento dos estudantes, pais e diferentes profissionais, como ocorreu no Dia C. "A Coopermota precisa fazer mais eventos como este. Os pais precisam estar nas escolas de seus filhos e participar das ações com eles. Eu também gostaria de participar do projeto de horta para fazer isso em casa", disse.

O presidente da Coopermota, Edson Valmir Fadel avalia que a adesão da Coopermota nas atividades

do Dia C favoreceu a ampliação da divulgação do projeto Cultivando Conhecimento, o que contribuiu para que a iniciativa também se estenda até aqueles que não estão diretamente envolvidos nesta ação. O objetivo é dar a maior abrangência possível para tais medidas, tendo em vista o seu potencial de educação ambiental e de valorização dos princípios do cooperativismo, pilar de sustentação da Coopermota.

### } AVALIAÇÕES POSITIVAS

O gestor da unidade de Maracaí, Rafael Nascimento, destaca que uma série de atividades foi organizada pela Coopermota para levar as instruções sobre o cooperativismo às crianças, já que a cooperativa entende que é preciso conscientizá-las sobre os benefícios da cooperação desde a infância para que haja adultos engajados nesta iniciativa.

Da mesma forma, o gestor de Paraguaçu Paulista, Cristiano Tomieiro, enfatiza que o projeto Cultivando Conhecimento amadurece a cada etapa que vem sendo superada e já demonstra avanços no objetivo da cooperativa em valorizar o contato das crianças com a terra. Muitos dos estudantes que participam do projeto começam a assimilar as formas de manejo das hortaliças, bem como demonstram já adquirir uma postura de defesa e preservação ambiental. Cada aluno adotou um dos alimentos plantados como seu e é responsável pelos cuidados à planta.



Cristiano Tomieiro com alunos da escola Therezinha Cação Goya, em Paraguaçu

Em Ibirarema, o projeto também tem obtido avaliações positivas do gestor daquela unidade, Ronaldo Garcia. Diferentes hortaliças vêm sendo cultivadas pelas crianças para incentivar o cultivo destes alimentos, bem como o seu consumo. A primeira safra de alfaces, rabanetes, cenouras e outros legumes hortaliças já foi inserido na alimentação dos estudantes.

## QUEM USA, COMPROVA E RECOMENDA

Linha completa e especializada de tecnologias para nutrição da cana-de-açúcar; Maior e mais qualificada equipe de consultores a campo; Rentabilidade, qualidade e segurança para o cultivo da cana-de-açúcar.



Eficiência nas fases mais críticas da planta e menos estresse para você

"Notel uma melhor germinação e enraizamento em relação a testemunha. Maior quantidade de perfilhos, levando assim, ao aumento de produtividade final da minha cultura. Hoje, eu uso Fertiactyl Sweet em toda minha área de plantio".

**Milton Luiz Sarto**

"Fertiactyl Sweet é um fertilizante diferenciado dos demais do mercado, ótimos resultados".

**Mario Willian Lemos**

"Notamos nos primeiros dias após a germinação um ótimo desenvolvimento da cana em relação a testemunha, e isso permaneceu durante todo o ciclo da cultura, no tamanho e coloração, estando sempre mais nutrida em relação a testemunha. Este desenvolvimento acarretou neste resultado obtido em nossa propriedade (diferença de 11 ton/ha)".

**Paulo Sergio Milani**



Tecnologia desenvolvida com ação eficaz nas principais fases de desenvolvimento da cultura.

UNIDADE SP:  
Rua: Umbu, 265 - sala 12  
Centro Empresarial Alphaville  
CEP: 13098-325 - Campinas - SP  
Fone: 19.2139.6000 - Fax: 19.2139.6015

[www.timacagro.com.br](http://www.timacagro.com.br)



NOTA MCPA

# MOSAICOS TEATRAIS

uma parceria da  
Coopermota com o SESCOOP  
para levar entretenimento e cultura  
aos municípios de sua abrangência  
(Vale e Pontal do Paranapanema).

 Coopermota

  
**SESCOOP/SP**  
Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo  
no Estado de São Paulo

MANEJE \_\_\_\_\_  
**SEU TEMPO**  
\_\_\_\_\_ **APLIQUE FULLTEC**



**Mais praticidade, mais sanidade, com maior lucratividade**

[www.spraytec fertilizantes.com.br](http://www.spraytec fertilizantes.com.br)

